Nome das autoras: Ana Livia Barboza, Camila Calaudiano e Vitória da Silva Smarci
Instituição: UFPR - Universidade Federal do Paraná
Categoria: Jornalismo
Modalidade: JO17 Produção em Jornalismo Literário Avulso

O silêncio do Estado, o grito das mulheres

https://drive.google.com/file/d/1lmllq0lpw_l30d128ex_FN7PYa803Tqt/view?usp=sharing

Descrição do objeto de estudo

A reportagem “O silêncio do Estado, o grito das mulheres” aborda a temática do aborto no Brasil, a partir de uma perspectiva social e de direitos humanos. Foi produzida por Ana Lívia Barboza, Camila Calaudiano e Vitória Smarci, na disciplina de Redação Jornalística III do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Utilizando uma abordagem narrativa e literária, o trabalho investiga como a ausência de políticas públicas voltadas à divulgação e à garantia do acesso ao aborto legal — compreendido como uma questão de saúde pública — expõe milhares de mulheres, ao contexto no qual muitas recorrem a métodos inseguros, colocando a própria saúde em risco.

O estudo analisa, com base em relatos, a experiência de algumas mulheres que encontraram apoio em uma rede de aborto online com mais de 800 integrantes, além de meios para interromper uma gestação indesejada. A produção destaca a carência de suporte a essas mulheres, principalmente emocional que, em muitos casos, é encontrado apenas no ambiente digital. O método divulgado nesta rede e utilizado para induzir o abordo é o medicamento Misoprostol, popularmente chamado de Cytotec. Originalmente criado para úlceras gástricas, o Misoprostol ficou conhecido por seu uso obstétrico na indução de partos e se tornou o principal método de aborto clandestino no

país. Mesmo com a comercialização proibida e restrita desde 1992, a pílula continua sendo comercializada de forma irregular.

A pesquisa entende o aborto como um assunto multifacetado, influenciado por aspectos legais, sociais, desigualdades estruturais, bem como fatores econômicos e culturais. Longe de idealizar a prática clandestina do procedimento, que coloca em perigo a vida de inúmeras mulheres, o objetivo é olhar de maneira crítica e humanizada para as protagonistas desse tema, e que são tão pouco ouvidas.

Além do riscos de cair em golpes e sequelas por usar medicamentos falsos e sem a mínima orientação, a reportagem aborda os danos psicológicos como os mais graves. Destacando o abandono e o julgamento moral que as mulheres sofrem, culminando em diferentes tipos de violência, como a institucional, sofrida dentro do próprio sistema de saúde pública, e a sexual, vinda de parceiros amorosos. São exploradas as dimensões subjetivas da experiência do aborto, analisando sentimentos recorrentes nos relatos coletados, como medo, culpa, solidão e, ao mesmo tempo, desejo de autonomia e controle sobre o próprio corpo. Ao trazer essas narrativas para o centro da análise, o texto procura romper com abordagens discriminatórias e ampliar o debate público sobre o tema.

A produção dialoga com a perspectiva do jornalismo de subjetividade, exemplificada no livro reportagem *O nascimento de Joicy*, da jornalista Fabiana Moraes. Ao narrar a trajetória de uma mulher transexual que rompe com estereótipos socialmente construídos, a autora opta por uma abordagem centrada no cotidiano e nas dimensões ordinárias da vida, afastando-se da espetacularização e do tratamento exótico frequentemente associado a essas narrativas. A escolha inspirou a construção do texto, reforçando a importância de elaborar representações mais complexas e humanizadas, valorizando trajetórias singulares sem reduzi-las a categorias preestabelecidas.

As mulheres retratadas na reportagem vivem sob condições sociais marcadas por instabilidade econômica, falta de apoio familiar ou do parceiro e dificuldade de acesso a políticas públicas de saúde e direitos reprodutivos. Com relatos intensos sobre medo, culpa, ansiedade e solidão, agravados pela criminalização e condenação social. Buscamos evidenciar, não apenas o evento do aborto em si, mas os contextos, contradições e rotinas que atravessam suas histórias. Compreendemos o fazer jornalístico como um espaço de interação sensível, em que a subjetividade não compromete o rigor, mas amplia a capacidade de compreensão da realidade e contribui para tensionar representações sociais pré-determinadas.

Descrição das pesquisas realizadas

As pesquisas realizadas para a construção da reportagem foram estruturadas a partir de uma abordagem qualitativa, combinando métodos de investigação jornalística e acadêmica. O objetivo foi compreender o fenômeno do aborto no Brasil em sua complexidade, articulando dados institucionais, produções teóricas e, principalmente, relatos de mulheres que interromperam a gestação. A principal técnica de apuração consistiu na imersão em ambientes digitais, especialmente na observação participante em um grupo de WhatsApp com mais de 800 mulheres de diferentes regiões do Brasil, onde foram coletados dezenas de relatos sobre aborto clandestino.

Realizamos o levantamento bibliográfico e documental para a análise da legislação brasileira sobre o aborto, estudos acadêmicos, relatórios de organizações da sociedade civil e dados estatísticos relacionados à saúde pública, violência de gênero e direitos reprodutivos. Para contextualizar o cenário nacional, evidenciamos os limites do acesso ao aborto legal e os impactos da criminalização. A pesquisa permite identificar contradições entre o que está previsto na lei e o que se verifica na prática, especialmente no que diz respeito às barreiras institucionais enfrentadas pelas mulheres.

A apuração da reportagem também se fundamenta nas contribuições de *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*, de Luiz Costa Pereira Júnior, para

trabalhar com a noção de objetividade baseada na simples reprodução de falas autorizadas. A partir desse referencial, o texto adota uma postura que desloca o eixo da narrativa das fontes institucionais para as vivências concretas das personagens diretamente afetadas pelo tema. Sem recorrer prioritariamente a especialistas ou discursos oficiais, investimos na escuta de mulheres que vivenciam a realidade investigada, entendendo que é nesse campo que emergem as contradições, tensões e dimensões humanas frequentemente apagadas por abordagens tradicionais.

A narrativa jornalística destaca-se pela descrição minuciosa do procedimento abortivo realizado dentro de casa ou em quartos de hotel. A produção detalha os protocolos exigidos no ambiente clandestino, como o jejum, o uso de compressas, exercícios físicos para induzir contrações , e os relatos de madrugadas marcadas por intensas dores físicas e psicológicas. A obra utiliza citações diretas das fontes para humanizar os dados estatísticos, ilustrando desde o desespero inicial da descoberta da gravidez indesejada até a culpa atrelada à moralidade cristã e ao abandono paterno. O texto revela a solidariedade entre mulheres, capaz de converter traumas em perseverança, demonstrando como o compartilhamento de informações transforma o silêncio do Estado no grito emancipador da sobrevivência feminina.

A perspectiva da pesquisadora Monica Martinez em *Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas*, nos inspirou ao abordar a importância de exercer a compreensão do outro e utilizar o método de "histórias de vida". Buscando romper com modelos padronizados e produzir uma narrativa mais próxima da complexidade do real, valorizando a escuta como ferramenta central na construção do conhecimento jornalístico. Utilizamos o estudo de Monica Martinez como base para trabalhar com a subjetividade e literatura, que quando unidas à investigação, não comprometem a condução criteriosa, mas operam como ferramentas para romper com visões discriminatórias e ampliar a capacidade de entendimento da realidade.

Descrição da produção

Para realizar a pesquisa, as autoras entraram em um grupo no Facebook chamado "Aborto Seguro", com 1,3 mil membros. O contato com os administradores é feito a partir de mensagens de WhatsApp, e se inicia a triagem, com perguntas básicas (nome, idade, tempo de gestação). A quantidade de pílulas varia conforme o tempo de gestação, sendo o limite máximo recomendado de 12 semanas. Após a confirmação dos valores, que chegam ao máximo de 1,8 mil reais, é explicado o procedimento de envio e o uso do medicamento, com a ressalva de que após receber o produto, a enfermeira que faz parte da equipe, entraria em contato para passar mais orientações e acompanhar o processo, que pode durar até vinte horas.

As participantes são adicionadas a um grupo no WhatsApp, com cerca de 820 mulheres, onde são compartilhados depoimentos detalhados sobre a experiência de cada uma (quantas pílulas tomou, tempo de jejum, duração do procedimento, tempo de gestação, entre outras informações que a pessoa deseje revelar). O grupo realiza o envio do medicamento para todo o Brasil por intermédio da empresa nacional de entregas Correios, além de promover a troca de experiências pessoais. Havia poucas regras de permanência. Era possível continuar mesmo após realizar o aborto, sem verificação das identidades. A principal norma era a proibição de contato privado entre as integrantes. Foram 23 dias no grupo coletando relatos e observando interações. Os assuntos eram diversos, mas temas como relacionamentos e dinheiro eram recorrentes. Algumas demonstravam certa intimidade, apesar de terem DDDs diferentes.

A condução das entrevistas realizadas foi fundamentada no livro de Cremilda Medina, *Entrevista: O diálogo possível.* Utilizando a crítica à entrevista tradicional, baseada em roteiros rígidos e relações hierárquicas, buscamos estabelecer uma abordagem centrada no diálogo e na escuta sensível, compreendendo a entrevista como um encontro humano e não apenas como um instrumento técnico de coleta de dados. Uma perspectiva essencial diante das dificuldades encontradas no campo, como a resistência das participantes em falar sobre um tema criminalizado e permeado por

insegurança e preconceito. Priorizando a construção de confiança, o respeito ao tempo e limites das interlocutoras.

De maneira progressiva na narrativa, apresentamos o contexto legal e político do aborto no Brasil, destacando as limitações da legislação e o papel do Estado. Avançando para a dimensão da clandestinidade, sobre as redes de apoio formadas por mulheres e o uso do aborto medicamentoso como alternativa diante da ausência de acesso institucional. Exploramos os riscos associados ao procedimento, as experiências em serviços de saúde e os impactos físicos e emocionais.

Abordar as personagens sobre o tema da reportagem foi um desafio. Muitas se recusaram a responder ou se mostraram incomodadas, mesmo com a garantia de anonimato. Apenas duas falaram por mensagem brevemente. Todas sabiam da ilegalidade a que estavam sujeitas ou sendo cúmplices. As administradoras do grupo do Whatsapp também se recusaram a dar entrevistas. Após revelar o objetivo de estarmos ali, fomos removidas. Buscamos mulheres que realizaram o aborto medicamentoso, dispostas a conversar presencialmente em Curitiba, e duas se dispuseram a falar sobre o assunto.

Para garantir a segurança das entrevistadas as identidades foram preservadas por meio do uso de iniciais (como L.Z. e M.F.). Documentamos casos graves de negligência médica, como a recusa de enfermeiras em administrar a imunoglobulina anti-D a uma paciente com fator Rh negativo, sob suspeita de aborto provocado. Diante da sensibilidade e do estigma associados ao tema, buscamos trabalhar de forma cuidadosa, contextualizada e comprometida com a integridade das participantes. O processo produtivo foi orientado por princípios éticos do jornalismo, incluindo o respeito às fontes, o consentimento informado, o cuidado na condução das entrevistas e a responsabilidade na divulgação das informações.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista** : o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2011.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Revista Extraprensa**, São Paulo, Brasil, v. 12, n. 2, p. 204–219, 2019. DOI: 10.11606/extraprensa2019.153247. Disponível em: https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247 . Acesso em: 14 abr. 2026.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia:** métodos de investigação na imprensa. 4. edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. Intercom - RBCC, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 21-36, set./dez. 2017. DOI: 10.1590/1809-5844201732. Disponível em: https://www.scielo.br/j/interc/a/YywYmt85GZrc4NRsjHytXYm/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 14 abr. 2026.